

REALIDADE E LIRISMO

Noé Silva*

Resumo: O artigo descreve a obra de Aleksandr Kuprin em íntima relação com a sua vida. A análise prioriza alguns traços do seu talento: o realismo, o lirismo e o humanismo.

Palavras-chave: Kuprin, Rússia, vida, realismo, lirismo.

Em 1896, uma novela, "Molok", comoveu os leitores russos com uma descrição expressiva do mundo dos mineiros da Bacia do Don e o tratamento maduro de problemas sociais e éticos da época posterior à reforma de 1861 (a libertação dos servos). Escrevera-a um ex-oficial do Exército, chegado a Kíev sem nenhum tostão no bolso, depois de deambular de um lugar a outro, a ganhar a vida como trabalhador braçal, agrimensor, operário, plantador de tabaco, sacristão, tira-dentes, pescador, cantor de coro e artista de teatro.

Nos primeiros contos, ele denunciara a torpeza dos costumes militares e o ambiente dos quartéis, constrangedor das pessoas inteligentes e honestas. Aos poucos, pintou quadros impressionantes da velha Rússia, uma espécie de panorama em forma de mosaico, em que podiam ver-se o amadurecimento do protesto social e a evolução do pensamento democrático naquele período de transição.

O *patos* humanístico e a crítica ao absolutismo, intensificados com o tempo, culminaram na criação mais importante do escritor, "O duelo" (1905). Os capítulos prontos da novela, iniciada em 1902 e abandonada várias vezes, por causa da insatisfação do autor com o produto dos seus esforços, chegaram a Maksim Górkí; este, sempre capaz de comover-se com o talento de outrem e generoso nas manifestações de entusiasmo e incentivo, transmitiu-lhe a confiança necessária para a continuação do trabalho.

* O autor é Prof. Dr. do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

As forças progressistas da sociedade saudaram o livro, que teve tiragem inicial de vinte e cinco mil exemplares e reedição no mês seguinte. Ele pôde vir à luz e não sofrer cortes sérios graças à habilidade do diretor comercial da Editora *Znânie (O Conhecimento)*, K. P. Piatnitski, embora o jugo político e a vigilância da censura houvessem diminuído após a queda de Port-Artur e os acontecimentos de nove de Maio de 1905 (o “domingo sangrento”), em meio ao crescimento do movimento revolucionário e à quase certeza da derrota da Rússia na guerra com o Japão.

Liev Tolstói, nos serões da sua herdade, em Iásnaia Poliána, lia páginas de “O duelo” e chorava nos trechos, em que se descrevia o tratamento dispensado aos soldados no exército czarista. Acompanhador atento da obra do confrade de trinta e cinco anos, citava-o como exemplo de concisão e poder de envolvimento: “*Ele tem um talento autêntico, maravilhoso, genuíno*”.

Os maiores escritores da Rússia, da época imediatamente anterior à Revolução de Outubro, eram, provavelmente, Maksim Górkí, Ivan Búnin e Leonid Andriéev, e com eles ombreava o autor daquela obra-prima: Aleksandr Kuprin.

Cantor dos sentimentos sublimes, Kuprin, dono de um cabedal artístico haurido na leitura dos clássicos nacionais e reforçado por grande intuição, não possuía a fantasia lúgubre e o pessimismo de Leonid Andriéev nem a cultura refinada de Ivan Búnin, estilista requintado e analista com muito poder de observação, em cujos livros, porém, a perfeição formal não ocultava a pobreza afetiva; do autor de “Mãe” aproximava-se pelas descrições diretas e rudes da vida popular, cheias de revolta contra as injustiças e de simpatia pelos semelhantes.

Da natureza predominantemente sensorial das fontes da comoção de Kuprin, a sua prosa tirava vigor de expressão e de cor, força de relevo e sentido de vida imediata, com uma veia lírica, que trazia uma sugestão de graça e festa e realçava os prazeres, os escrúpulos sutis e a espiritualidade, em contraposição ao embrutecimento provocado pela sordícia e pela aspreza do mundo.

Kuprin vivia intensamente as impressões, que faziam os seus sentimentos vibrarem, e sabia transmiti-las com espontaneidade, singeleza e calor;

nada lhe escapava à intuição de poeta. As suas personagens, de rara densidade humana e nitidez de caracterização, descobriam, na terra, um lugar não somente de sofrimento e luta, senão também de delícias e encantamentos. O lirismo terno de Kuprin, sem ensombrecer a realidade ou embelezá-la, reafirmava sempre a maravilha de haver vida, de haver mundo e de estarmos nele. Uma mirada jubilosa para o que a Natureza nos deu e a poesia das impressões representaram uma constante na sua obra.

Aleksandr Ivánovitch Kuprin nasceu a 7 de Setembro de 1870, em Narovtchát, cidadezinha da região de Piénza, no Sudeste da parte européia da Rússia. Quando tinha dois anos, morreu-lhe de cólera o pai, ajudante de juiz de paz. Em 1874, a mãe resolveu partir para Moscou, onde se instalou em um abrigo para viúvas, com ele e as outras duas filhas. Liubóv Aleksiéevna Kupriná, mulher forte, de espírito observador e linguajar colorido, ensinou-o a sentir a graça das pequenas coisas da vida e legou-lhe muitos traços, como a alegria de viver, a afabilidade, a tenacidade e a laboriosidade. Mais tarde, ele costumaria dizer que, ao escrever, lhe “roubava” sempre algo.

O menino da província ingressou como interno em uma escola para órfãos em 1876 e transferiu-se, em 1878, para um estabelecimento militar de ensino. Aos 18 anos, ingressou na academia de oficiais e, como alferes, seguiu, em 1890, para o povoado de Proskúrov, para um regimento de infantaria.

Servir-se basicamente de fatos e das próprias experiências constituía uma das características fundamentais de Kuprin; a fisionomia do homem e a descrição do ambiente saíam das suas obras com o cunho de quem vira e conhecera intimamente tudo o que retratava. Ele procurava avidamente o convívio de quem ganhava o sustento com as próprias mãos, e consagrou toda a sua criação ao povo, aos que conhecia pelo nome, recordava pelo sorriso, pelo modo de falar, pelas canções. Com esse espírito, foi algum tempo a uma cervejaria de Odessa, riu e bebeu com os seus freqüentadores, na maioria, trabalhadores do porto, operários, pescadores, mergulhadores e

marinheiros. Um ano depois, publicou o conto “Cambrino” (1907), em que reiterava a sua simpatia a todos os que negavam ostensivamente os valores pequeno-burgueses e podiam entrar na luta pela liberdade e contra as iniqüidades. Na mesma clave de exaltação do sublime no singelo, escreveu “Os lestrigrões” (1907-1911), repassados de intenso e jubiloso sentimento e escritos com a naturalidade e a leveza, que denotam a verdadeira inspiração. Essas duas obras-primas dão toda a medida da afirmação da vida como parcela da arte de Kuprin; para ele, ser artista significava, primordialmente, sentir a alegria de estar vivo, não deixar nunca de admirar o belo e de encontrá-lo nas coisas mais comuns, e tirar um canto à luz e ao bem ainda que do ambiente penumbroso e enfumaçado de um botequim e da convivência com sujeitos de costumes desenfreados.

Fosse para onde fosse, a manter-se precariamente com os rublos ganhos como jornalista e escritor e a usar a sabedoria dada pela experiência, Kuprin encontrava sempre o necessário à inspiração e à natureza vivaz e transbordante. Ao boêmio de curiosidade sempre desperta, intuição pronta e alma sincera a vida sempre soube nova. Kuprin proclamou que este mundo é o nosso paraíso, na expansão patética de Nazánski (“O duelo”), homem fisicamente arruinado mas sempre ávido de reavivar a sua chama interior:

– Olhe, olhe só quão linda, quão sedutora é a vida! – exclamou Nazánski, estendendo as mãos em amplo movimento, em torno de si. – Oh, a alegria, a suprema beleza da vida! Olhe: o céu azul, o sol do entardecer, a água serena. O corpo todo treme de entusiasmo, quando olhamos para eles. Lá, ao longe, os moinhos de vento movem as suas pás, eis a doce erva verdejante, a água, rósea do crepúsculo, ao pé da margem. Ah, quão maravilhoso, quão terno e ditoso é tudo isto!

Nazánski cobriu de repente os olhos com as mãos e rompeu a chorar, mas recuperou de pronto o domínio de si e continuou a falar, sem pejo das lágrimas, com os olhos refulgentes e úmidos fitos em Romachov:

– Se um trem me atropelar e me rasgar o ventre, se as minhas entranhas, misturadas à areia, se enrolarem nas rodas, e, se nesse derradeiro instante

me perguntarem: "E então, ainda achas bela a vida?" – eu responderei com agradecido entusiasmo: "Sim, que linda é!" Quanta alegria nos dá só o dom da vista! E há, ademais, a música, o aroma das flores, o doce amor das mulheres! E a incomensurável delícia do pensamento humano, dourado sol da nossa existência!

No período de reação política, estendido de 1907 a 1913, ele colaborou em jornais e revistas vulgares.¹ A época abalou o democrata desprovido de uma cultura sólida e da consciência das forças detentoras do papel principal na renovação do mundo; Kuprin empolgara-se com a vaga revolucionária de 1905 mas não penetrara a verdade dos que queriam alforriar a vida e torná-la digna. Assim, em meio às suas contradições, hesitações, estranhices e aos seus problemas pessoais, ele revelou toda a variabilidade do seu estado de ânimo; as realidades da situação soavam sufocar a exaltação pura, espontânea e terna, característica do seu talento, e, então, com hinos à liberdade ("Cambrino"), à vida ("Os lestrigões") e ao amor ("O bracelete de granadas"), alternavam poetizações do naturalismo cru ("Enjôo", 1908), da crueldade e do vício ("O aluno", "Tentação", ambos de 1910). No entanto, apesar de se refletirem em Kuprin os ânimos políticos do meio degenerado, ao qual se ligava, não se pode falar em decadência moral ou artística sua, pois as obras desabonadoras dele se apequenavam ao pé das que atestavam a intocabilidade da essência democrática e humanística da sua criação. Ademais, quando, depois de pandegar, sacudia de si os vapores do álcool e ia para algum sítio silvestre, recuperava a disposição do espírito para coisas altas e ficava de novo poeta.

Ao iniciar-se a Primeira Guerra Mundial, Kuprin alistou-se como voluntário. Enviaram-no para a Finlândia; instruiu soldados e chegou a comandar uma companhia, mas desmobilizaram-no pouco depois, por causa da saúde, debilitada pelo tifo. Voltou para Gátchina, cidadezinha próxima de São Petersburgo.

¹ Corriam anos tenebrosos para a Rússia. Como parte do plano de terror, ideado pelo primeiro-ministro Piotr Stolípín, colocaram-se forcas em praças públicas e estações ferroviárias ("as gravatas de Stolípín", dizia-se), e cortes marciais condenaram quase cinco mil pessoas à morte e outras cento e vinte e seis mil à prisão.

Depois da Revolução de Outubro, Kuprin emigrou. Já muito bem se disse: “Kuprin não conseguiu, apesar de tudo, superar a barreira, que separa a mundividência e a psicologia do democrata do ensinamento revolucionário, que subleva o povo. Os planos dos bolcheviques para a reorganização social do país pareciam-lhe utópicos. (...) Kuprin não conseguiu orientar-se na situação política. Mas não se pode culpá-lo por isso. Grassava a fome, a destruição parecia não ter fim, havia a guerra civil, e quase todos os seus amigos e conhecidos estavam do lado dos inimigos da revolução. No fogo desta e da guerra civil, nas trevas da fome e da destruição, erros foram cometidos até por pessoas de convicções mais firmes e de visão clara do mundo (Górki, por exemplo)”.²

Sentiu-se sempre estranho ao ambiente estrangeiro (vivia na França) e parou de escrever muito antes da morte; ressentia-se da falta da conversa de empregados de botequim, dos pregões de vendedores ambulantes, das histórias de viajantes de trem, do burburinho das feiras russas, enfim, do povo, cuja seiva lhe marcara tão profundamente a alma no nascimento. O romance “Os cadetes” (1932), sua obra mais significativa desse período, cristalizou as lembranças do passado.

O governo soviético permitiu o seu regresso. Em 31 de Maio de 1937, ele chegou de trem a Moscou, tendo recepção calorosa. Vivia-se o auge do terror do regime stalinista, e, certamente, muitas coisas horrorizaram Kuprin³. Por outro lado, operários e soldados convidavam-no às suas festas, pessoas cumprimentavam-no na rua, saíam edições das suas obras, e isso, mais a boa vontade de todos com ele, abafou um tanto o seu sentimento de culpa

² Vólkov. *Tvórtchestvo A. I. Kupriná (A obra de A. I. Kuprin)*. Moscou, 1981, p. 330-331.

³ Era a época dos processos de Moscou. Sob a acusação de tentarem matar Stálin e outros dirigentes, destruir o poderio econômico e militar do país, de quererem restaurar o capitalismo e trabalharem como espíões e agentes de outras nações, estavam a ser julgados e eram, quase sempre, condenados à morte, bolcheviques da velha guarda (todo o Politburo de Lénin, com exceção de Liév Trótski, então já fora da União Soviética), bem como generais, quase todos os embaixadores soviéticos na Ásia e na Europa, os comandantes de todos os distritos militares importantes e muitas outras pessoas.

O pretexto para o início dos expurgos e da política de terror foi o assassinio de Serguiéi Kírov, chefe do Partido Comunista em Leningrado, ocorrido em 1934, provavelmente com a cumplicidade de Stálin.

perante o novo país e deu-lhe um pouco de ânimo, enchendo-o de planos. Logrou, porém, escrever apenas uns poucos “Fragmentos de recordações” e o artigo “Moscou querida”.

Faleceu em 25 de Agosto do ano seguinte, de cancro do esôfago, e o seu corpo baixou à sepultura no cemitério de Vólkovo, em Leningrado. A esposa, Elizaveta Morítsozna Kupriná, pereceu durante o bloqueio alemão da cidade, na Segunda Guerra Mundial, e a filha, Ksiénia Aleksándrovna Kupriná, que chegara a trabalhar em cinema na França, tornou à União Soviética em 1958.

Kuprin, criador de imagens elevadas, tendia a uma linguagem patética e, por outro lado, descobria grande afeição a todas as coisas mundanas. A crítica atentou logo na tangibilidade das suas figuras, na corporeidade dos objetos da sua comoção; as suas obras encerravam a compreensão e o sentimento dos gozos terrenos, e o estilo refletia uma alma de sensibilidade aguda e sempre pronta a reagir ao menor estímulo. A sua natureza cândida e extrospectiva nutriu o seu realismo lírico; ele apresentava a realidade em todo o seu aspecto desgracioso e até sórdido, mas, também, não despojada do sorriso da quimera, do afago da ternura e da coragem haurida das recordações, para que ela não se reduzisse a algo mesquinho e baço; assim, no enredo de fatos desalentadores, manifestava-se o poder mágico de pequenos acontecimentos, que suavizavam um pouco o peso daqueles, e adejava no ar um acorde de uma melodia vaga mas sumamente bela.

Em meio aos tons carregados e sombrios, despontava, cá e lá, uma claridade, abridora de uma perspectiva melhor, que atenuava a presença do aflitivo e do cruel; podia minguar o humor, mas o lirismo nunca se ausentava. O jogo de claro e escuro, recorrente nos contos e nas novelas de Kuprin, constituía, com as suas gradações, uma faceta da oposição entre, de um lado, a consciência de que a vida representa o bem mais precioso do homem e, do outro, a inelutabilidade do desaparecimento da massa complexa do seu ser e sentir, do aniquilamento do seu mundo visível (o que Kuprin ex-

prime magnificamente em “O duelo”, no diálogo de Nazánski e Romachov, transcorrido no passeio pelo lago). Assim, no credo de Kuprin, as pessoas deviam exultar com as irradiações benéficas do meio: *“O homem nasceu para a grande alegria, para a criação ininterrupta, por meio da qual se torna um deus, para o livre e ilimitado amor a tudo: à árvore, ao céu, ao semelhante, ao cão, à terra submissa, querida e magnífica em sua beleza, sim, principalmente à terra, com sua maternidade ditosa, com suas manhãs e noites, com a incessante maravilha de seus milagres”* (“O fosso”). Kuprin fez um canto às coisas boas, sem fechar os olhos às torpezas, que as rodeavam, e sabia transmitir sensações vívidas e diretas, com cenas vibrantes, cheias de intenso e poético sentimento. Segundo ele, as pessoas não nascem simplesmente para morrer, mas para trazer algo novo, seu, à beleza do mundo, e disseminar a consciência da maravilha de estarmos nele constitui uma das missões do artista.

O poder de comoção dos seus registros dos estados de felicidade provinha, de um lado, da sua vitalidade de espírito e, do outro, da sensibilidade veemente e da força estuante, que o faziam expandir-se em solicitude com todos os vivos do mundo e rejubilar-se de respirar sob o céu e de caminhar sobre o chão com eles. Kuprin nutriu sempre pela vida a curiosidade e o gosto indispensáveis para a criação de verdadeiras obras de arte.

O entusiasmo em face da menor manifestação do encanto do simples fato da nossa existência e a glorificação dos impulsos naturais e saudáveis do homem representaram os principais auxiliares de Aleksandr Ivánovitch Kuprin, que deixou uma obra radiante, manancial de alegria e inspiração para todos nós.

Os contos “Demir-Kaia” (1906) e “Destino” (1919), de cativante colorido oriental, refletem os sentimentos de Kuprin em dois momentos importantes da sua existência.

Como “Cambrino”, espelham um traço essencial do caráter do autor – um grande amor à vida, às pessoas e a todos os seres vivos. Para Kuprin, o

verdadeiro humanismo não se limitava ao preceito – *Ama o semelhante como a ti próprio*; a natureza do seu talento e as suas atitudes afirmavam: *Deves defender o próximo de todas as coisas cruéis, tenebrosas, e de todas as ignomínias*.

Ao saber, por um advogado de Odessa, que um estivador batia na mãe, foi ao porto no mesmo dia, encontrou o sujeito e desafiou-o a briga (Kuprin praticava vários desportos, entre eles, o boxe e a luta greco-romana); pouco tempo depois, o amigo transmitiu-lhe a gratidão da velha senhora. Conta Ksiénia Aleksándrovna Kupriná, no livro *Kuprin – moi otiéts (Kuprin, meu pai)*. Moscovo, 1976), que viajavam os dois, certa vez, pelo rio Dnepr, quando um oficial insultou uma camponesa perto deles; Kuprin deu um pescoção no homem e atirou-o por cima da borda do barco; segundo ela, foi isso que o impediu de continuar a prestar exames para ingresso na Escola de Estado-Maior e o moveu a pedir a reforma, em 1893.

Em outubro de 1905, Kuprin foi freqüentemente de Balaklava a Sevastópol, apresentando-se a auditórios com a leitura de trechos de “O duelo”, encontrou-se com marinheiros e sabia da iminência de uma rebelião. Permaneceu na cidade durante a insurreição do cruzador “Otchákov” (11 a 15 de novembro) e, em meio à repressão sangrenta aos sublevados e ao fuzilamento de centenas de pessoas, ajudou muitos insurretos a esconder-se na aldeia de Tchorgun, salvando-os da morte. Pelas manifestações na imprensa e pela participação nos acontecimentos políticos, as autoridades obrigaram-no a mudar-se da Criméia.

“Demir-Kaia” surgiu no contexto de “Cambrino”, revelando o desprezo de Kuprin, expoente de uma filantropia combativa, aos traidores dos ideais democráticos, principalmente aos adeptos da *bogoiskátel'stvo*.⁴

“Destino”, por sua vez, sugere-nos a angústia, em que ele começou a debater-se, ao cruzar a fronteira soviética, no outono de 1919, e entrar na Finlândia (esta, parte do império russo até à Revolução Socialista de 1917, tornara-se país soberano um mês depois dela). Teve imediatamente idéia do que lhe dariam as terras estrangeiras, e, certamente, cogitou a possibilidade de retorno.

⁴ *Bogoiskátel'stvo* (literalmente: “buscas de deus”): corrente filosófico-religiosa reacionária, largamente difundida entre a *intelliguéntsia* liberal russa, após a derrota da revolução de 1905-1907.

As histórias do bandoleiro turco, do mercador maometano e do violinista hebreu têm a vibração do humanismo de Kuprin, o seu poder de exprimir a alma humana com força e fervor, de simpatizar com a miséria das criaturas e tirar-lhes da vida uma lição de humanidade. Na Rússia de tantas etnias (mais de uma centena e meia), não admira que um escritor da sua estirpe se haja deixado inspirar pelas tradições de outros povos e haja eleito não russos para personagens principais de obras suas. Ele mostra-nos admiravelmente o que há de mais amplo, mais universal no coração das pessoas, para dizer-nos que somos todos irmãos.

DESTINO

LENDA ORIENTAL

Em tempos já muito idos, em pequena mas rica cidade, viveu um mercador, que comerciava em tapetes, marfim, especiarias e óleo de rosa. Era um homem inteligente, cortês, devoto e honesto, tocava os negócios exemplarmente e, com isso, granjeara a confiança e o respeito de todos.

Certa vez, apresentou-se-lhe a possibilidade de comprar grande carga de ouro em pó e revendê-la, com o que a sua riqueza imediatamente triplicaria. Mas, para isso, precisava não apenas de juntar todo o seu dinheiro, tanto o guardado no cofre como o emprestado a outrem, senão também vender rapidamente todas as suas mercadorias. Após ponderar bem todas as vantagens e desvantagens do empreendimento e chegar à conclusão de que ele era tão lucrativo e certo, que só um desfavor excepcional do destino poderia atrapalhar o seu bom êxito, o mercador decidiu investir nele todos os seus bens, de uma só vez.

Assim, em uma semana, fez todos os preparativos e disposições, sem revelar nada aos familiares, como convém a um administrador de verdade.

Quando chegou a manhã da quinta-feira, dia feliz para todos os cometimentos, disse ele ao primogênito:

– Sela a égua alazã para ti, e o burro para mim e para a carga.

O mancebo estava acostumado a obedecer ao pai sem fazer perguntas. Cumpriu a ordem em silêncio. Deitou sobre o burro os dois pequenos sacos de couro, que o pai lhe dera, e prendeu-os à sela; fizeram breve prece de viagem e partiram de casa ao alvorecer: o pai, à frente, o filho, um pouco atrás e de lado.

Acompanhou-os a boa sorte. Todas as transações comerciais e monetárias correram tão fáceis, breves e lucrativas, que o mercador, começando a assustar-se do constante êxito, murmurava consigo a trechos: “*Se Alá quiser*”. “*Se aprouver a Alá*”. Tentava, dessa maneira, prevenir a ingerência do destino.

Soube ele, no caminho, que haviam subido extraordinariamente os preços dos artigos de luxo, por causa do matrimônio do príncipe francês com a infanta espanhola. Com isso, logrou vender a crédito todas as suas mercadorias, recebendo sinais, que excediam substancialmente os seus cálculos. Todos os devedores revelaram-se pessoas abastadas e lhanas e saldaram de bom grado as dívidas. Não houve, também, qualquer atraso ou estorvo na estrada.

Ao terminar com tanta felicidade todas as transações, rumou o mercador para a magnífica cidade litorânea, onde esperava por ele a carga de ouro em pó. Tinha a alma em festa, mas, não obstante isso, murmurava consigo:

– In-xa’llakh.⁵

Antes do termo daquele primeiro dia de viagem para o mar e o glorioso porto, saíram o velho e o filho da estrada e dirigiram-se para uma estalagem, para ali comer e pernoitar. Pegou o pai os alforjes, como sempre,

⁵ “*Se quiser Deus*” – expressão árabe, de que provém a interjeição portuguesa “*Oxalá*”.

e foi para a taberna, ao passo que o filho levou a mula e o burro para a estrebaria, desselou-os e arraçou-os. Em seguida, ambos lavaram as mãos, oraram e sentaram-se a comer uma refeição modesta.

Ceavam ainda, quando na taberna irrompeu um rancho de pessoas de aspecto suspeito, bulhentas e mal vestidas. Elas exigiram vinho, puseram-se a beber e a cantar e beberam novamente. Pouco depois, desentenderam-se; a alteração transformou-se em gritos, impropérios e luta; reluziram facas.

– Vamo-nos para longe do pecado, – disse o mercador ao filho, levantando-se. – Eu te ajudarei na estrebaria.

Selaram apressadamente os animais na escuridão, alcançaram a estrada e seguiram açodadamente até não ouvirem já o tropel de pés e os brados furiosos daquela gente. Quando aos seus ouvidos não chegou já nenhum som da taberna, o mercador sofreu subitamente o burro, tateou a sela e ordenou ao filho:

– Pára! Volta!

Virou ele próprio a montaria com impaciência e, açoitando-a com o látigo, cavalgou a toda brida. O mancebo seguiu-o.

Entraram novamente no pátio da estalagem. Espiaram pela janela da taberna, pondo-se à escuta. Dentro, reinava um silêncio de sepulcro. As lâmpadas estavam acesas. O lugar parecia deserto. Depois, quando olharam bem, notaram cadáveres e poças de sangue pelo chão. Chamaram pelo dono, pelos serviçais. Não lhes respondeu ninguém. Todos deviam haver-se assustado da carnificina e estavam escondidos ou fugiram para a floresta.

O mercador atirou as rédeas nas mãos do filho. Subiu com rápidas passadas ao terraço da frente, entrou no salão, caminhou até ao lugar, em que estiveram a jantar, e inclinou-se sobre o banco; o filho viu, então, pela janela, o pai levantar do assento os dois sacos de couro, atados por uma

corda, e pô-los a tiracolo. Somente nesse instante compreendeu o mancebo que se haviam esquecido de pegá-los, na pressa de sair dali.

No pátio, não lhe disse o mercador qualquer palavra de explicação. Prendeu os sacos à sela, subiu ao burro com um salto e açoitou-o.

Galoparam pela estrada durante muito tempo, temerosos, pois podia a polfícia aparecer de supetão na taberna, seguir-lhes as pegadas frescas, prendê-los e levá-los ao juiz. E, de um juiz, ninguém – inocente ou culpado – consegue livrar-se pelo resto da vida, até entregar-lhe a última camisa.

Ao amanhecer, atingiram pequeno rio, ourelado de ambos os lados por um bosque virente e sombroso. Ordenou o pai que se atassem as montarias a uma árvore. Fizeram a ablução matinal. Depois, disse ele:

– Pega os sacos e segue-me.

Chegaram a uma clareira pequena, defesa, de todos os lados, dos olhares de estranhos. O mercador parou e disse:

– Senta-te.

Sentaram-se. O pai abriu os sacos e pôs-se a tirar tudo que havia neles, formando dois montes iguais. Tudo meio a meio: brilhantes, pérolas, turquesas – pedrinha por pedrinha, segundo tamanho e valor. Do mesmo modo, com as moedas de ouro e os cheques das casas bancárias de ricos mouros. Ao termo da divisão, disse ao filho:

– Eis cá duas partes iguais. Uma é tua. Escolhe um dos montes, deita todas as coisas em um saco e prende-o à sela. Montarás imediatamente e irás na direção, em que viemos até agora. A cinco minutos de cavalgada daqui, verás que o caminho se bifurca. Tomarás o rumo da tua sinistra. Assim, regressarás em menos tempo. Lembra-te: és agora o mais velho de casa. Constrói a tua vida como quiseres e puderes. Eu não te dou conselhos nem a benção. Vai-te. Até chegares ao primeiro povoado, não ouses olhar para trás. Eu ficarei muito tempo longe de casa. Talvez até nunca volte. Podes ir.

O mancebo escutou a ordem em silêncio, prostrou-se diante do pai, beijou-lhe a terra entre os pés, virou-se, montou-se na égua e desapareceu entre as árvores.

Eis tudo, por ora, sobre o mercador e o filho.

Em uma cidade rica e esplêndida, capital de um reino poderoso, era a véspera de solene data festiva. Por isso, desde as primeiras horas da manhã, os seus habitantes – do magnânimo e onipotente monarca ao último jornaleiro – observavam rigoroso jejum. Até à noite, até à hora, a que não se conseguisse já distinguir uma linha negra de uma vermelha, não poderia ninguém provar alimento; a quem sentisse sede, a lei permitia tão-somente aliviar a boca ressecada com um bochecho de água. Recompensasse cada um, depois, a sua paciência com abundantes iguarias, doces, frutas, bebidas e outros bens terrenos.

Havia ainda, no país, um costume consagrado desde prístinas eras: invitar a casa, para essa festa, o pobre, o órfão, o ancião solitário ou o vian-dante sem abrigo para aquela noite. Tal costume era respeitado tanto nos palácios luxuosos como nas cabanas do arrabalde.

Eis que, antes da festa, à saída de uma casa de orações, disse um dos homens mais ilustres e respeitados da cidade aos que o rodeavam:

– Amigos, – disse ele, – eu vos rogo: levai à minha casa todos os mendigos, que encontrardes pelas ruas e à porta das tabernas. Quanto mais débeis, desamparados e infelizes forem eles, com tanta mais atenção e tanta mais honra eu os receberei.

Era pessoa de riqueza incalculável: as suas longas caravanas internavam-se pelo país, chegando até ao grande rio; os seus barcos, de muitas velas, singravam todos os mares do mundo; as suas mansões de mármore impressionavam pelos vastos jardins e pelas frescas fontes. Mas, se a riqueza lhe granjeara consideração e admiração, querido era ele, em toda parte, pelas suas virtudes: o amor à verdade, a bondade e a sabedoria. Pródiga era a sua mão com os pobres, sempre; jamais abandonara um amigo na dor ou na desgraça, e, nas situações mais complexas da vida, eram os seus conse-

lhos tão certos e sagazes, que não raramente a eles recorria o próprio soberano, sombra do profeta na Terra.

Por isso, os amigos, em resposta ao seu pedido, fizeram-lhe uma reverência e prometeram atender o seu pedido o mais depressa possível.

Um falou de modo especial:

– Ó fonte do Bem, protetor dos pobres, apreciador de pedras preciosas! Tem a condescendência de escutar o que me contaram servos meus, quando voltaram dos banhos, aonde, como sabes, são obrigados a ir, neste dia, todos os maometanos.

Eles encontraram ali um homem tão velho, tão decrepito e tão pobre, como jamais se vira alguém igual na nossa rica cidade, repleta de mendigos. Tudo o que possuía eram as babuchas, um saco de couro e andrajos, e nada por que pudesse trocar estes.

Esse indigente, ao ir ao vestiário, notou que lhe roubaram – talvez até nem por rapacidade e mais por tolo divertimento – o surrão de mendigo e as babuchas de corda, deixando-lhe somente as vestes imprestáveis e esburacadas. Todos os que o viram naquele momento ficaram profundamente comovidos e indignados. Porém maior ainda do que a consternação e a ira foi o seu espanto, ao verificarem que, em vez de espelhar tristeza e raiva, o rosto do velho resplandecia de alegria. De mãos alçadas para o céu, agradeceu ele a Alá e ao destino, com expressões tão belas, tão sinceras e ardentes, que os presentes emudeceram e, perturbados, puseram-se a certa distância dele... É sobre tal homem que eu desejava falar-te, ó provedor da nossa paz, embora confesse que esse estranho velho me pareça louco.

O nababo ilustre meneou a cabeça e disse:

– Se é um louco ou um santo, não o sabemos. Leva-o, amigo meu, o mais depressa que poderes, à minha casa. Será ele o meu primeiro hóspede para a ceia desta noite.

Quando chegou o tão esperado minuto e se acenderam luzes brilhantes em todas as casas da capital, e de todos os fornos se evolveram os aromas do *pilav*,⁶ de aves assadas e de picantes temperos, foi o velho mendigo leva-

⁶ Prato de arroz seco com carne, hortaliças, peixe etc.

do à casa do célebre ricaço. Este em pessoa recebeu-o no pátio; segurando-o respeitosamente pelo braço, levou-o para o salão de festa, assentou-o no lugar de mais honra e, quando a criadagem trazia pratos, ele os tomava, para servir os melhores bocados ao hóspede.

Todos os comensais folgavam de ver a afabilidade e a bondade, que o rosto do ancião irradiava. Comovido com as suas cãs e a serena alegria senil, perguntou-lhe o anfitrião:

– Diz-me, por caridade, meu pai, não poderia eu servir-te de alguma maneira, realizando algum desejo teu, grande ou pequeno, não importa?

O velho abriu um sorriso luminoso e respondeu:

– Mostra-me todos os filhos teus e netos, e eu lhes darei a benção.

Um de cada vez, por idade, abeiraram-se dele quatro varões – os filhos do mercador – e três mancebos, os seus netos, e cada um ajoelhou-se aos pés do ancião, que lhe depunha as mãos na cabeça.

Quando findou esse bom e antigo rito, por último, pediu-lhe a benção o ilustre homem. O ancião não somente o abençoou, senão também o abraçou e beijou nas faces e nos lábios.

Erguendo-se, profundamente comovido, disse o insigne mercador:

– Perdoa-me, meu pai, a pergunta que ousou fazer-te, e não a consideres vã curiosidade. Desde que puseste os pés na minha casa, eu olho fixamente para ti e não consigo desviar os olhos do teu venerável rosto, e ele, a cada vez mais, me parece familiar. Não te lembras se já nos encontramos antes... há muitos, muitos anos?

– Perdão-te de bom grado, filho, – respondeu o velho, com um sorriso amoroso, – e, por minha vez, também te farei uma pergunta: não te recordas de sombroso bosque à margem de um ribeiro, bem como de um burro e de uma égua, atados a uma árvore, e de duas pessoas, pai e filho, que, em uma clareira, tiraram pedras preciosas de um saco e dividiram tudo meio a meio?...

Nesse momento, prostrou-se o mercador diante do ancião, beijou-lhe o chão entre os pés, aprumou-se e exclamou:

– Ó pai amado meu, louvado seja Alá, que te trouxe de volta. Esta é a tua casa, e eu, os meus filhos e os meus netos, todos somos servos e escravos teus.

Ele e o pai se abraçaram e choraram longamente de alegria. Choraram também todos os presentes. Depois de certo tempo, quando serenou a comoção, perguntou o ilustre mercador, com terno respeito, ao pai:

– Diz-me, meu pai, por que, naquela manhã, repartiste entre nós todos os teus bens e por que desejaste que tomássemos rumos diferentes, separando-nos por muito tempo, se não por toda a vida?

Respondeu o ancião:

– Se te recordas ainda, mal partíramos nós para aquela viagem de negócios, pudemos verificar que nos acompanhava uma ventura extraordinária. Lembra-te – eu repetia o tempo todo: “*In-xa'llakh*”. Eu temia a inveja do destino. Quando nós voltamos à estalagem e eu encontrei intocados os nossos sacos, que haviam ficado à vista e ao alcance de toda aquela gente, eu compreendi que tal sorte excedia a tudo que podia ocorrer a um homem e que, daquele dia em diante, por longo, longo tempo, a minha vida conheceria apenas malogros e desditas. Assim, querendo proteger a ti, meu primogênito, e toda a minha casa de futuras desgraças, eu decidi deixar-vos, levando comigo o meu inelutável destino. Pois é dito: durante a tempestade, só o tolo procura refúgio sob a árvore, que atrai o raio... Tu bem podes ver o estado, a que eu cheguei nesses anos de separação. Não achas que fui previdente?

Todos os presentes, que escutaram atentamente essas palavras, fizeram uma reverência ao ancião e admiraram-se da sua sabedoria e perspicácia e do seu inquebrantável amor à família.

Perguntou-lhe um dos hóspedes mais honoráveis:

– Mas por que, ó irmão de meu tio, hoje, em vez de chorares, te alegraste e regozijaste, ao saberes que te roubaram o surrão, o último bem de um men-

digo? Não te zangues, peço-te, com a minha pergunta e, se desejares, responde-me.

A isso respondeu o velho, com um sorriso bondoso:

– Eu compreendi, naquele instante, que o destino deixaria de perseguir-me, eis por que me regozije. Pois, medita e diz-me: pode imaginar-se, sobre toda a terra iluminada pelo Sol, alguém mais pobre e mais infeliz do que um mendigo, a quem hajam roubado o surrão? Não podia já o destino preparar-me nada mais cruel do que aquilo. Como vês, eu não me enganei. Não encontrei eu, no mesmo dia, o filho meu, os filhos dele e os filhos dos seus filhos? Agora, sem temer já atrair a mão maligna do destino sobre as suas cabeças, eu viverei os restantes dias meus com alegria e em paz.

Todos lhe fizeram novamente uma reverência e disseram, a uma só VOZ:

– Foi o destino!

DEMIR - KAIA

LENDA ORIENTAL

O vento amainou. Hoje, talvez tenhamos de passar a noite no mar. Trinta verstas separam-nos da praia. A faluca, de dois mastros, balouça-se preguiçosamente, a levantar ora uma borda, ora a outra. As velas pendem, molhadas.

Um nevoeiro branco e denso envolveu o barco. Não se vêem as estrelas, o mar ou a noite. Não acendemos nenhuma luz.

Seid-Abili, o velho arrais, imundo e descalço, conta, em voz baixa, séria e profunda, uma história, em que acredito de todo o coração. Acredito

nela porque a noite está tão estranhamente quieta, porque o mar invisível dorme sob os nossos pés, e nós, envoltos pela cerração, navegamos lentamente, através de nuvens brancas e espessas.

Era uma vez certo Demir-Kaia. Na vossa língua, significa “Penhasco de Aço”. Chamavam-lhe assim porque não conhecia a piedade, a vergonha ou o medo. Praticava rapinagens, com o seu bando, nos arredores de Istambul, na Tessália abençoada, na Macedônia montanhosa e nas pastagens férteis da Bulgária. Noventa e nove pessoas encontraram a morte pelas suas mãos; entre elas, mulheres, velhos e crianças.

Certa feita, porém, uma hoste bem armada do *padichá*⁷ – Alá prolongue os seus dias! – cercou-o nas montanhas. Demir-Kaia resistiu três dias, defendendo-se qual lobo de uma matilha de cães. Na manhã do quarto dia, rompeu o cerco, mas estava sozinho. Parte dos seus companheiros morreram durante a perseguição encarniçada; os restantes foram executados pelo carasco em uma praça de Istambul.

A esvair-se em sangue dos muitos ferimentos, jazia ele ao pé de uma fogueira, em uma caverna inexpugnável, em que o recolheram pastores selvagens dos montes. No meio da noite, apareceu-lhe um anjo luminoso, com um alfanje incandescente. Demir-Kaia reconheceu Asrail, mensageiro da Morte e enviado do Céu.

– Seja feita a vontade de Alá! Eu estou pronto.

O anjo, porém, disse:

– Não, Demir-Kaia, não é chegada ainda a tua hora. Escuta a vontade do Senhor. Quando te levatares do leito da Morte, parte, desenterra os teus

⁷ Sultão, imperador dos turcos.

tesouros. Caminharás, depois, sempre para o nascente, até a um sítio, onde sete caminhos se cruzam. Construirás, ali, uma casa de aposentos bem arejados, com divãs largos, água de fontes para as abluções, comidas e bebidas para os viajores, café aromático e narguilé olente para os fadigados. Convida a entrar todos os que passarem em frente à tua morada, e serve-lhes como o mais humilde dos escravos. Seja, o teu lar, a sua casa; o teu ouro, a sua riqueza; o teu trabalho, o seu repouso. Chegará um dia, em que Alá olvidará os teus graves pecados e te perdoará o sangue dos filhos seus.

Demir-Kaia perguntou:

– Que sinal me dará o Senhor da remissão dos meus pecados?

Respondeu-lhe Asrail:

– Dessa fogueira, que arde já lentamente, pega um tição coberto de cinza e planta-o. Quando a madeira morta vestir casca, deitar brotos e florescer, então saberás: é chegada a tua redenção.

Passaram-se vinte anos. Por todo o país do *padichá* – Alá prolongue os seus dias! – correu a fama de um caravaneiro próximo àquela encruzilhada, na estrada de Jeddáh a Esmirna. O mendigo saía dali com rúpias no farnel; o faminto, saciado; o cansado, bem disposto; o ferido, curado.

Durante vinte, vinte longos anos, todas as noites, Demir-Kaia olhou o pedaço de madeira, que fincara no chão do pátio, mas aquele permaneceu sem vida. Os seus olhos perderam o brilho, o corpo vigoroso encurvou-se, e os cabelos ficaram brancos como as asas dos anjos.

Certa madrugada, ao ouvir um tropel, saiu correndo à estrada; passava um homem em um cavalo coberto de espuma. Demir-Kaia arrojou-se para ele, segurou o animal pela cabeça e implorou ao estranho:

– Ó irmão, vem a minha casa. Refrigera o rosto com água, come e bebe para te refocilares, delicia os lábios com o doce aroma do narguilé.

O viajor, porém, gritou-lhe com raiva:

– Deixa-me, velho! Deixa-me!

Cuspiu no rosto de Demir-Kaia e golpeou-lhe a cabeça com o cabo do açoite, conseguindo soltar o cavalo.

O sangue altivo de bandoleiro ferveu em Demir-Kaia. Ele levantou pesada pedra do chão e arremessou-a no ofensor, partindo-lhe o crânio. O cavaleiro balançou sobre a sela, levou as mãos à cabeça e tombou.

Demir-Kaia precipitou-se para ele, com o coração aflito, e disse, consternado:

– Irmão, eu te matei!

Respondeu-lhe, porém, o moribundo:

– Não foste tu, mas a mão de Alá... Escuta. O paxá do nosso *vilaiet*⁸ é um homem cruel, cúvido, injusto. Amigos meus tramaram conspiração contra ele. Mas eu me deixei seduzir por grande prêmio em dinheiro. Eu queria delatá-los. Quando me apressava com a denúncia, fui detido pela pedra, que atiraste... Assim quis Alá. Adeus...

Ralado pela dor, tornou Demir-Kaia a casa. A escada da virtude e do arrependimento, pela qual se alçara durante vinte anos inteiros, quebrara-se na base e ruína em um único instante de uma manhã estival.

Em desespero, olhou para o sítio, onde a sua mirada soía deter-se no tição carbonizado. Um milagre acontecia ante os seus olhos! A madeira morta deitava renovos, cobria-se de brotos, vestia-se de verdor perfumado e ornava-se de meigas flores amarelas...

Demir-Kaia prostrou-se e pôs-se a chorar de alegria. Porquanto sabia que o grande e misericordioso Alá, na sua inefável sabedoria, lhe perdoara,

⁸ Unidade de divisão territorial e administrativa da Turquia.

pela morte de um traidor, as noventa e nove vidas, que lhe pesavam na consciência.

Abstract: *This article describes Aleksandr Kuprin's works in intimate relation with his life. The analysis prioritizes some aspects of his talent: realism, lirism and humanism.*

Keywords: *Kuprin, Russia, life, realism, lirism.*